

RECIFE LÍRICA: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NA OBRA DE CÍCERO DIAS

Raquel Czarneski Borges¹

Palavras-Chave: História da Arte – Modernismo- Cícero Dias

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.²

Para o historiador, a cidade apresenta-se como espaço privilegiado de sonhos e desejos, lugar da realização, da construção das possibilidades da história. A cidade, para além de seu aspecto material, de suas ruas, casas, de tijolos, pedras ou madeira, apresenta-se como labirinto imaginário, tanto para quem a vive e experimenta, quanto para quem a escolhe como objeto de representação ou estudo, buscando revelar seus segredos e artimanhas, buscando desnudá-la. A cidade, portanto, é uma produção simbólica, construída e reconstruída pelos fazeres e pelos olhares de seus habitantes e de seus estudiosos.

Este artigo pretende analisar as representações da cidade do Recife produzidas pelo pintor Cícero Dias na década de 30 que dialogavam com as perspectivas teóricas de um grupo de intelectuais identificados como modernistas-regionalistas, agrupados em torno, principalmente de Gilberto Freyre. Para isto, escolhemos duas obras do pintor que consideramos importantes para a análise, *Recife Lírica*, e *Visão romântica do porto do Recife*.

Para a análise dessas representações, definiremos algumas opções teórico-metodológicas que orientam o trabalho. Diante da complexa discussão sobre o conceito de representação³, entendemos que uma importante introdução da idéia no âmbito das ciências humanas e da história, particularmente, foi feita por Roger Chartier, dando um enfoque culturalista ao estudo das sociedades, preocupando-se em entender tanto as práticas como as representações criadas e desenvolvidas pelos homens dentro de uma

1 Mestranda do Programa de pós-graduação em História da UFPE. Bolsista do CNPq; raquel_borges321@yahoo.com.br

2 REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife nos anos 20*. Recife: Fundarpe, 1997.

3 ver MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a idéia, a coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGHIC. N°57. Florianópolis, dezembro de 2003.

concepção que percebe o mundo como construção simbólica⁴, passível de ser interpretada.

Entendemos a representação como construção simbólica que toma o lugar do referente “real”, imitando-o ou substituindo-o, criando novas elaborações ou significados. Assim, compartilhamos da visão de Chartier quanto às possibilidades de leitura do mundo das representações, quando ele relaciona-as às práticas sociais. Mônica Makowiecky, referindo-se a idéia de Chartier sobre a representação e as possibilidades de leitura do mundo simbólico afirma que:

A representação é uma referência e temos que nos aproximar dela, para nos aproximarmos do fato. A representação do real, ou o imaginário, é em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo⁵

Dessa forma, entendemos as obras de Cícero Dias como elaborações simbólicas, que, ao mesmo tempo em que se referiam ao “real”, à materialidade da cidade, criavam e transformavam os discursos sobre o Recife. Dentro dessa perspectiva, pretendemos analisar as obras de Cícero dentro de um contexto histórico e cultural específico. Sobre a arte e realidade, Ernst Gombrich afirma que obras artísticas não são espelhos, mas que compartilham com eles a inapreensível magia da transformação, difícil de ser expressa em palavras⁶.

Os anos 20 e 30 do século XX são marcados por profundas e aceleradas transformações sócio-culturais. No Recife, tanto a estrutura urbana da cidade, como as dinâmicas social e cultural, e os costumes dos habitantes mudam consideravelmente. A partir dos anos 20, reformas urbanas são levadas a cabo pela administração de Sérgio Loreto, no sentido de modernizar e civilizar a cidade, higienizando-a segundo os padrões de salubridade europeus, tidos como modernos para a época. Segundo Raimundo Arrais, as primeiras transformações no Recife, no sentido da construção de um espaço público definido e moderno se dão ainda no século XIX, a partir da administração do prefeito Rego Barros. No século XX, podem-se reconhecer na história da cidade, duas fases principais de modernização: a primeira, dos anos de 1909 a 1913, e a segunda de 1922 a 1926, durante a administração de Sérgio Loreto.⁷

Neste momento, é empreendida uma série de medidas modernizadoras focadas na reorganização de órgãos públicos destinados à higiene e limpeza da cidade como a Repartição de Higiene e na abertura de espaços públicos amplos e arejados, por onde o fluxo de pessoas, automóveis e ar pudesse circular sem obstáculos, dinamizando a vida na cidade e evitando as contaminações por doenças. De acordo com Antonio Paulo Rezende, as palavras de ordem deste período eram “urbanizar, civilizar e modernizar”⁸.

Assim, as discussões intelectuais sobre a modernização da cidade, por um lado, e as tradições, por outro, ganham espaço nos jornais, revistas e livros recifenses da época. Diante dessas profundas

4 Ver CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados. vol.5 nº11. São Paulo, Jan./Abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em 20/11/2010.

5 MAKOWIECKY, Sandra. Idem. P. 4

6 GOMBRICH, Ernst. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

7 ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

8 REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. P.95

transformações sociais, muitos intelectuais, preocupados com a sobrevivência e manutenção das tradições manifestaram desgosto ou descrença diante do progresso. Dentre eles, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Mário Sette e Cícero Dias⁹, por exemplo. Nestes anos de profundas mudanças, não só a materialidade da cidade se transforma, mas também suas representações simbólicas; a cidade que vive na memória dos habitantes, cronistas e pintores, também vai se construindo e reconstruindo¹⁰.

Esses intelectuais saudosos das tradições e desejosos em constituir a identidade de uma cidade que abandonava muito do seu passado, buscaram reconstruir o cotidiano tradicional da cidade, ameaçado de desaparecimento diante da modernização. Muitos deles cunharam expressões até hoje utilizadas para designar a cidade do Recife, como *Recife Antigo*, *Recife Velho* ou *Recife de outrora*. Esses autores buscavam no passado um sentido para a história da cidade que parecia estar se perdendo ou se “descharacterizando” diante de inovações técnicas e padrões modernos de racionalidade e progresso.

É justamente sobre o “caráter” da cidade do Recife que Gilberto Freyre se dedica a escrever. Preocupado em pensar o impacto da modernização para a “vocação” tradicional da cidade, Freyre busca encontrar no passado as “raízes” de uma identidade regional, o sentido para a história de Pernambuco e do Recife, conseqüentemente, sua inserção particular em um contexto nacional e internacional. Como um intelectual próximo a Cícero Dias e em torno do qual se agrupavam outros jovens pensadores nas primeiras décadas do século XX em Pernambuco, Freyre mostra-se preocupado em pensar o Nordeste e suas especificidades, construindo uma identidade regional que valorizasse a tradição, sem perder o rumo da modernidade, sendo, como ele afirmava, regional e universal em um só tempo.

Em seu texto *A propósito de “regionalismo”, “modernismo” e “romance social”*, Gilberto Freyre apresenta uma síntese do que seria o movimento modernista-regionalista do Nordeste, em oposição ao modernismo do Sul/Sudeste, identificando o segundo com a figura do crítico Temístocles Linhares e de outros artistas como Sérgio Buarque de Holanda, Graça Aranha, Oswald de Andrade, e Mário de Andrade, por exemplo. A construção de Freyre neste texto aponta para a elaboração de uma identidade para o modernismo-regionalista do Nordeste, em oposição às vanguardas de São Paulo ou Rio de Janeiro, segundo o autor, preocupadas em imitar padrões estéticos estrangeiros.¹¹

Em 1934, Freyre publica um guia para se percorrer e apreender um pouco do Recife e suas histórias, plasmadas nas ruas e construções da cidade. O *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, apresenta afetivamente a cidade ao leitor, fazendo-o adentrar no universo pitoresco da cidade, revelado por quem já tinha certa intimidade com ela. O *Guia* é aberto com textos de Freyre sobre o “caráter” da cidade e o cosmopolitismo do Recife, além de contar com textos sobre a luz, as águas e o ar do Recife, as tradições da cidade, nomes de ruas, velhas casas e sobrados, parques, igrejas e conventos, além do aeroporto, porto e estações de trem.

9 Ver ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

10 Ver ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

11 FREYRE, Gilberto. *A propósito de “regionalismo”, “modernismo” e “romance social”*. Diário de Pernambuco. Recife: 14 de setembro de 1947.

Percebemos na construção do *Guia* o desejo de exaltar e conservar as tradições ameaçadas pela modernidade e, ao mesmo tempo, demonstrar a vocação para o cosmopolitismo e o progresso inerentes à cidade e sua dinâmica. O *Guia* pode ser, portanto, uma orientação para o leitor de hoje adentrar na essa cidade simbólica construída e enaltecida pelos modernistas, suas tradições e progressos.

Gilberto Freyre e Cícero Dias, apontavam para a construção de uma identidade regional, aliando três conceitos fundamentais para a compreensão das elaborações dos modernistas-regionalistas de Pernambuco: região, tradição e modernidade. É a partir da articulação desses três conceitos que se dá a construção teórica dos modernistas: a identidade regional é pensada e construída em acordo com a aliança entre tradição e modernidade.

Nascido em 1907 em Escada, Pernambuco, Cícero Dias cria-se influenciado por elementos culturais tradicionais, desenvolvendo sua sensibilidade diante das luzes e cores do nordeste interiorano, dos engenhos de cana-de-açúcar, das casas-grandes e senzalas, das tradições aristocráticas, de um mundo tradicional que mais tarde servirá de referência para os intelectuais modernistas. Quando criança, estuda no Recife e nos anos 20 vai para o Rio de Janeiro, realizando sua primeira exposição individual no ano de 1928 no salão da Policlínica da cidade. Em 1934 participa da elaboração junto com Gilberto Freyre, do I Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, evidenciando o tom das discussões entre os modernistas de Pernambuco: a busca pelas “raízes” culturais do Nordeste, na tentativa de “resgate” de tradições e construção da identidade regional.

A partir de 1937, devido às perseguições políticas do Estado Novo, Cícero Dias muda-se para Paris. Na França, conhece outros artistas modernos, muda suas temáticas e aperfeiçoa suas técnicas. Participa de um circuito internacional de arte. Torna-se amigo de Pablo Picasso e Paul Éluard, por exemplo. Aproxima-se dos surrealistas e no Brasil chega a ser identificado como “o pequeno Chagall dos trópicos.”¹²

Analisando, primeiramente, a tela *Recife Lúrica* (Fig. 1), percebemos como o pintor articula símbolos e cria uma representação da cidade do Recife na década de 30. Observamos, em primeiro plano, a cena de um casal de noivos em destaque na tela. Ao fundo, a cidade que Cícero Dias apresenta ao observador, como parte da visão do porto do Recife e do centro da cidade, o Recife Antigo e os bairros tradicionais no entorno. Percebe-se que o casal olha a cidade ao longe com uma expressão de alegre saudação, de onde poderia ser hoje a ponte do Pina, na época local afastado do núcleo central da cidade, ligando-o ao então balneário de Boa Viagem. Vemos desde os arrecifes no mar, até Olinda, ao longe. Os dois carregam buquês de flores e estão em uma posição que parece saudar a cidade. A celebração do casamento (tradição) mescla-se à celebração da cidade. Mas qual cidade, especificamente?

A cidade que Cícero Dias constrói, liricamente, é uma cidade nostálgica, banhada pelas águas verdes do mar, com seus sobrados coloridos tão característicos da formação urbana do centro antigo do Recife. E o porto, onde se podem ver navios de carga a vapor, modernos para a época, mas que, por alguma razão, ficam em segundo plano na constituição da cena. Quem toma posição privilegiada

12 AMARAL, Aracy. *Textos do Trópico de Capricórnio*. Vol.1. São Paulo: Ed. 34, 2006. P. 78.

na construção deste cenário urbano são os pequenos barcos a vela, vários, navegando pelas águas que banham a costa da cidade. O Recife, como um espetáculo, se descortina a frente do casal e do observador. Inclusive, a presença de grossas cortinas teatrais no canto esquerdo da tela demonstra essa construção, dando um tom lírico à cena que se apresenta.

Os amantes, cercados pela nostalgia das tradições, contemplam e saúdam uma cidade também cercada e construída por lirismos e nostalgias. Esta é a cidade que Cícero Dias percebe e representa em sua obra. Um lugar onde, na década de 30, os românticos barcos a vela tinham mais espaço no porto e dividiam as águas com alguns poucos navios a vapor; onde as construções do centro da cidade são os pequenos e coloridos sobrados tradicionais. É a cidade lírica e nostálgica.

Na segunda tela, *Visão romântica do porto do Recife* (Fig. 2), também da década de 30, percebemos uma construção também nostálgica da cidade. Como o próprio nome da obra nos diz, ela é uma visão *romântica*, não só do porto do Recife, mas também do cotidiano da cidade e de seus habitantes. A cena representa um olhar sobre o Recife Antigo e o porto, ao fundo, olhar de alguém que também observa a cidade ao longe. Começando pelo porto, propriamente dito, mal podemos percebê-lo, visto que não tem destaque na composição. O enfoque da cena predomina sobre as construções da cidade, sobrados e casarios. A área portuária que aparece ao longe, apresenta-se pequena e modesta, representando um porto singelo, onde também predominam os pequenos barcos a vela. Nada mais romântico para uma representação do porto do Recife nos anos 30. Como afirmamos anteriormente, os elementos que compõem a tela, são os tradicionais casarios e sobrados coloridos, agrupados, dividindo espaço com o rio, as árvores, moradores e vendedores de frutas.

As construções dessa cidade são simples, as ruas estreitas e tranquilas, as casas pequenas agrupadas, e dão-nos a impressão de uma cidade pequena, calma, onde o tempo parece passar sem pressa, uma cidade tradicional. Se considerarmos o contexto urbano do Recife na década de 30, vemos que a cidade estava, justamente, passando por períodos de grandes transformações na sua estrutura, no sentido da racionalização e modernização do espaço público. Portanto, imaginamos que a representação de Cícero Dias faça um elogio saudoso à cidade que o Recife estava deixando de ser.

Vemos, além do porto singelo, do casario colorido tradicional, dos barcos como meio de transporte pelo centro da cidade, nas águas do Capibaribe, das ruas estreitas e da vegetação típica, os tipos humanos que compõem esse cenário tradicional. Eles estão todos destacados na cena, como se tivessem saído deste cenário líricamente construído para mostrarem-se ao observador, como figuras típicas do cotidiano recifense. Vemos, então, o que seria uma mãe e sua filha, no canto esquerdo da tela, um tocador de viola, ao centro, e no canto direito, senhoras conversando debaixo de sombrinhas e vendedores ambulantes de frutas, sobre um barco.

Estes são, portanto, os elementos que compõem o cenário urbano do Recife neste momento para Cícero Dias. Moças e senhoras em suas conversas diárias, tocadores de viola e vendedores de frutas. Nenhum automóvel, nenhuma construção moderna, nenhuma grande avenida, cinema, teatro, café, bondes, nem mesmo casas comerciais. Nenhuma agitação. Enfim, nenhum símbolo que representasse a

modernidade. É curioso notar que nem mesmo algumas grandes construções, como o prédio do jornal Diário de Pernambuco, o café Lafayette, o prédio da Assembléia Legislativa, e o teatro de Santa Isabel, por exemplo, aparecem na cena. A cidade romântica que Cícero Dias pinta remete-se ao passado e nela não cabem muitos dos elementos da modernidade. Ela representa um tempo que parecia não querer esvaír-se da memória, nem mover-se acelerado, no ritmo da modernização. O tempo/espaço que Cícero Dias representa é nostálgico, das permanências e tradições.

Esta cidade lírica, no entanto, elabora-se como um discurso específico sobre o Recife, localizado, identificado com o modernismo tradicionalista que, como afirmamos, buscava construir a identidade regional baseada nos conceitos de região e tradição, aliados à modernidade. Outros discursos e outras construções existem sobre a cidade neste e em outros períodos que podem se completar, excluir ou contrapor. Nosso intuito neste texto foi apresentar e refletir sobre as elaborações do grupo modernista-regionalista de Pernambuco, especificamente de parte da produção de Cícero Dias e suas referências ao tradicional e ao moderno na construção simbólica da cidade. Esperamos, assim, ter contribuído para a discussão acerca do tema e suscitado reflexões pertinentes.



Fig 1: Recife Lírica



Fig. 2: Visão romântica do porto do Recife

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- AMARAL, Aracy. *Textos do Trópico de Capricórnio*. Vol.1. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 78.
- ARGAN, Giulio Carlo apud COSTA, Robson Xavier da. *Pintura Naif: diálogos entre imagem e oralidade*. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum19_dos04_costa.pdf. Acesso em 25/11/2010.
- ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.
- _____. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados. vol.5 n°11. São Paulo, Jan./Abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext
- _____. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DIAS, Cícero. *Pintura de Cícero Dias alimenta-se de música e poesia*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24/04/1999. In: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=669&imp=N&cd_idioma=28555. Acesso em 20/11/2010
- FREYRE, Gilberto. *A propósito de regionalismo tradicionalista*. Diários Associados: 04 de novembro de 1973.
- _____. *A propósito de “regionalismo”, “modernismo” e “romance social”*. Diário de Pernambuco. Recife: 14 de setembro de 1947.
- _____. *Um pintor brasileiro fixado em Paris*. Vida, Forma e Cor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- _____. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- GOMBRICH, Ernst. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MACOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a idéia, a coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGHIC. N°57. Florianópolis, dezembro de 2003.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20*. Recife: Fundarpe, 1997.
- REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2002.